



J. Chrys Chrystello*

As saias e os Colóquios da Lusofonia

Andei dias seguidos na dúvida se devia abordar tão candente tema da política portuguesa que tudo faz esquecer, mesmo as questões mais prementes.

Escreveu o Padre Mário de Oliveira “O papa usa saias. Os cardeais usam saias. Os bispos católicos usam saias. Ninguém acha mal, pelo contrário. São clérigos, por isso, uns seres estranhos e separados dos demais. Parecem humanos, mas não são. São clérigos = separa-dos. É um assessor de deputada não pode usar saias?!”

O problema não é a saia. Ele usa o que quiser e não deve ser impedido mas nós temos de conhecer as verdadeiras intenções desse uso. Já as tinha usado antes em público? No seu quotidiano anda de saias ou apenas se serviu disso para se exibir e provocar a atenção mediática.

Será que os membros do partido Livre querem protagonismo pelo que vestem para ocultar o que pensam? Ou são seguidores dos métodos populistas?

Pela parte que me toca tenho de fazer uma confissão, desde os meus verdes anos no Oriente (Timor-Leste, Bali e, Macau e, depois Austrália) fui sempre à praia usando um sarong de Bali ou uma lipa de Timor, mas quando cheguei a Portugal fui desaconselhado por todos de os usar em público e como a norma dominante aqui era essa, deixei de os usar em público, pois há muito passei a idade da contestação ao “normal” estabelecido pelos cânones sociais.

Aqui terei de fazer nova confissão, no recato



do meu “Castelo” na Lomba da Maia durante a época da primavera – outono uso-os frequentemente durante o dia ou para dormir, tendo sempre à mão uns calções ou bermudas para colocar no caso de haver gente a bater à porta.

Um número restrito de pessoas amigas já se habituaram a ver-me nesses preparos e nunca fizeram comentários (sabe-se lá o que contam lá fora) e mesmo a técnica de higiene doméstica (a que antigamente se chamava mulher-a-dias) não estranha este hábito trazido de fora...

Como escreveu Ana Afonso em Lugar ao Sul “... impedindo que consigamos olhar para o estado do mundo em que vivemos. Exemplo disso foi toda a agitação que se gerou em torno de uma peça de roupa que uma pessoa decidiu levar para o dia da tomada de posse dos novos deputados. Como é que uma coisa sem importância nenhuma se torna a coisa mais importante de um dia que tinha, de certeza, coisas bem mais importantes a destacar? E por-que deixamos nós que isso aconteça,

alimentando o acessório, e deixando morrer à míngua de atenção o essencial?”

Dito isto, imaginem só que num dos próximos colóquios da lusofonia, clamando pelo direito à diferença, contra a masculinização dos nossos colóquios eu me apresentava de lipa ou sarong... seria o mesmo poeta utópico que criou os eventos, mas ninguém ouviria o que dissesse para se concentrar na minha indumentária, tão a despropósito para aquele ambiente.

Com certeza seríamos notícia de primeira página e teríamos os vários canais de TV presentes, e 10 milhões de portugueses finalmente descobririam que existimos (desde 2001) e haveria vontade de o governo apoiar as nossas realizações por serem anticonvencionais, na luta contra os estereótipos e a masculinização da sociedade. Podia bem ser o chamariz que nos falta para atrair a atenção dos que ainda nos ignoram, mas a minha mulher que não gosta de holofotes poderia decidir que eu tinha ido longe de mais. É tudo uma questão de princípios e de ter uma noção de senso comum. Há muitas maneiras de alterar a “norma” e fiquem tranquilos os nossos associados e amigos, decerto esta não será a que adotarei para nos trazer à ribalta.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713 [MEEA]/AJA, Australian Journalists' Association] CP AU3804



Isabel Vasco Costa

Aritmética pura?

No início do ano lectivo, Guidinha chegou a casa muito indignada: “Não posso perdoar. Ela foi má, bateu-me, nunca, nunca lhe vou perdoar.”

Ao ouvi-la, o irmão um pouco mais velho, de sete anos, animou-a: “Não sabes que devemos perdoar até setenta vezes sete?”

Aqui, a mãe entrou na conversa, pedindo ao filho que lhe explicasse o que acabara de dizer. Ao que o pequeno respondeu: “Oh! Mãe. Eu explicar não sei porque ainda não dei a multiplicação.”

O episódio veio-me à memória na proximidade do mês de Novembro, o mês dos defuntos. Os nossos avós contaram-nos algumas histórias acerca do comportamento de familiares seus, quase sempre relacionadas com pedidos de perdão ou “fazer as pazes” no final da vida. Confesso que esta expressão me fez pensar várias vezes no

seu significado. Que quereria isto dizer? Não se assina a paz, no singular, entre dois países que estiveram em guerra? Haveria várias “guerras” entre os protagonistas dos episódios narrados? Finalmente, surgiu na boca de um moribundo a serena expressão de alívio: “Já posso morrer. Agora estou em paz com o meu irmão e com Deus”.

Estas recordações, que eram tão comuns nos momentos anteriores à agonia, levam-nos novamente à questão da aritmética: “Perdoar até setenta vezes sete”. O seu autor, Jesus Cristo, usou-a para responder à pergunta de S. Pedro que achava que perdoar sete vezes ao seu irmão já era muito. Porém, o Mestre não usou esta norma de “perdoar setenta vezes sete” para si. Era demasiado curta para o Salvador. Demasiado curta e leve, pois aplicou o seu perdão às grandes, demoradas e pesadas penas que lhe infligiram desde a casa de Pilatos até ao monte Calvário. Prestes a expirar, já suspenso da Cruz há algumas horas, pediu: “Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que

fazem.”

Não sei se Jesus “já tinha dado a multiplicação” mas, pelas minhas contas e não só, o seu perdão superou em muito as quatrocentas e noventa (70x7) vezes devidas ao perdão. No caso de Jesus, o seu perdão é dispensado, primeiro a algumas pessoas isoladas, para se oferecer, depois, a todos os pecadores arrependidos. Com a sua Ascensão ao Céu, deu por finda a sua pregação e a explicação de quanto os seus Apóstolos deviam fazer. Pelo envio do Espírito Santo sobre a Virgem Maria e o grupo reduzido dos seus discípulos, deu a estes homens a sabedoria e a coragem de ensinarem a Boa Nova do Reino dos Céus e o poder de perdoar todos os pecados de todos nós, os que vamos pedindo perdão, até ao final dos tempos. E muito mais do que “setenta vezes sete”.

É curioso reparar como, para ensinar a perdoar ou fazer apostolado, como o irmão da Guidinha, nem necessitamos “ter dado a multiplicação”.